



CARACTERIZANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA E ORGANIZANDO O ESCOLAR PELA CULTURA CORPORAL¹

Rosa Malena Carvalho²

RESUMO

Por identificara educação física como prática pedagógica que se caracteriza pelo escolar, na pesquisa do período pós-doutoral questionamos os interesses que impedem isso. Com objetivo de qualificar essa docência, dialogamos com Arendt, Masschelein, Ranciére, Simons e Coletivo de Autores. Nossas argumentações destacam a educação física que se faz no escolar pela *cultura corporal*, em movimento que requer olhar para o conjunto do trabalho docente e a escola como um bem público.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física escolar; Cultura Corporal; Escola.

PESQUISA DA EDUCAÇÃO FÍSICA QUE SE FAZ NO ESCOLAR

Objetivando contribuir com a formação e a organização da educação física escolar no e com o conjunto da organização escolar, questionamos a não caracterização dessa prática pedagógica. Pesquisando com essas questões, trazendo-as como eixo estruturador dos projetos desenvolvidos na formação inicial e continuada de professores em Universidade Federal na região metropolitana do Rio de Janeiro, esse texto apresenta parte do realizado no período pós-doutoral. Investigação marcada pela avaliação qualitativa – tanto do trabalho realizado, assim como no aprofundamento de leituras em torno da educação física escolar, especialmente pela filosofia da educação. O artigo se desenvolve em dois movimentos entrelaçados: pensar as singularidades do que faz uma escola ser uma escola, em especial em diálogo com o livro *Em defesa da escola – uma questão pública*, de Jan Masschelein e Maarten Simons (2014). E, *dar a ver* (RANCIÈRE, 2009) o que a concepção de *cultura corporal*, conceito elaborado pelo Coletivo de Autores (2014), contribui para favorecer o desenvolvimento da educação física escolar.

Sendo a escola um lugar que “transforma o conhecimento e as habilidades em “bens comuns” e, portanto, tem o *potencial* para dar a todos, independente de antecedentes, talento natural ou aptidão, o tempo e o espaço para sair de seu ambiente conhecido” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 10), consideramos o futuro da escola uma discussão pública – colocando o escolar como questão nada óbvia. Além disso, a definição acima se torna transgressora das acusações à escola – as

¹ Faz parte do artigo final do período pós-doutoral na Universidade de Barcelona (UB), com bolsa CAPES (Edital 2014-Chamada II, Processo POS_DOC - 99999.000610/2015-01).

² Universidade Federal Fluminense (UFF), rosamalena@vm.uff.br

quais geram a necessidade de *reformular;melhorar; sair da alienação; ter eficácia;* deixando, assim, de ser *redundante* ao longo do processo escolar.

Desconfiando que essas incriminações não indicam atributos do escolar, exercitamos caracterizar essa prática pedagógica por aquilo que auxilie a qualificar o escolar. Por isso dialogamos coma concepção de cultura corporal e as oito questões apresentadas por Masschelein e Simons (2014):*suspensão; profanação; de atenção e de mundo; de tecnologia; de igualdade; de amor; de preparação e; de responsabilidade pedagógica (ou exercer autoridade, trazer à vida, trazer para o mundo).* Já o Coletivo de Autores (2014), referência na área pela *cultura corporal* explicitar que a prática pedagógica educação física contém *objeto de conhecimento*, com intenções e objetivos escolares, propicia deslocar seu foco da *aptidão física* e a identificar o escolar.

EXPOSIÇÕES: O ESCOLAR REVELADO PELA EDUCAÇÃO FÍSICA

Passando às considerações e resultados da pesquisa que nos permitem pensar a *responsabilidade pedagógica* desenvolvida com/pela educação física escolar, pelas pistas da obra de Masschelein e Simons (2014), a ideia de *suspensão*, ao colocara interrupção, temporária, do passado e do futuro, pelo direito ao estudo, a escola aparece como espaço e tempo presente para criações e liberdades de seguir o não esperado. O que traz a possibilidade de *profanar* tempos, lugares, coisas – colocando-os fora do uso habitual, gerando o uso por novas maneiras e,por todos. O que acontece com as práticas corporais, quando têm sua forma hegemônica alterada, por exemplo: quando jogos (como o tênis de quadra)são profanados e geram outros usos (nesse exemplo, o frescobol).

O que indica que as novas gerações precisam ser apresentadas ao que existe, despertando seu interesse para conhecer, manter, modificar – por isso falam em *atenção e interesse*, em vez da motivação. O escolar, então, se constitui como *uma questão de atenção ao mundo* –requerendo ver as *tecnologias* escolares como formas de engajar os jovens, focar sua atenção e apresentar o contexto. O que associamos com a *cultura corporal*, por colocar as práticas corporais em relação com o âmbito social, contribui para alargara compreensão de mundo.Para isso, partir da *igualdade* é algo da ordem prática, que reconhece que todos são capazes – nessa lógica, a escola tem o valor da potencialidade.

No entanto, nos discursos sobre o que é o escolar, para que estar na escola, há o predomínio de que prepara para (o mundo do trabalho; estudos em nível superior etc). Essa função esvazia o caráter e a qualificação da escola no tempo presente, sua abertura ao mundo - pelo contato e estudos com os conhecimentos, como bens públicos. Por isso, Masschelein e Simons (2014) invertem e perguntam o que é importante na sociedade para trazer ao que se faz na escola - pois o estudo, a matéria são os conteúdos abordados nas escolas (e não habilidades, perfis, competências). Estudar como saber o que não sabia antes, “sendo capaz de” (e não para “ter”).Para essa docência, colocam os Professores como *amadores*: preocupados, envolvidos e apaixonados por esse algo, desenvolvendo nos alunos a atenção, o interesse, a responsabilidade. Como muitas vezes se dá a presença do/a professor/a de educação física nas escolas: pela expressão da alegria, na qual o interesse, a intensidade e o

amor dedicado às práticas corporais revelaram, em muitos, a direção ao magistério – o que é força, potencial, de paixão e atenção ao mundo.

Pensar a educação física como elemento da cultura é entender um corpo que se faz, não idealisticamente, presente nos cotidianos – o que denominamos *corporeidade* (CARVALHO, 2012). Nesse sentido, a formação do/a Professor/a não se orienta por competências e habilidades parciais (o que seguiria a ideia de aptidão física), mas um convite a considerar diversas formas de expressão das práticas corporais criadas ao longo da história. Nesse movimento, a educação física pode relacionar-se com a abertura ao mundo, por dois grandes motivos: pela potencialidade do pensar pedagógico que seja o de ampliar o conhecimento do mundo, o que inclui a própria noção de mundo. Hannah Arendt (1996) ajuda a entender que o que existe, o que constitui nossa herança, construída e deixada pelas gerações que vieram antes, não nos chega por testamento (pois esse recomendaria a força da transmissão, do tempo contínuo). A cultura em que nascemos e a cultura em geral só podem nos indicar, mas temos que realizar diferentes tipos de inserção, de entendimento, de relação, de modificação no mundo em que nascemos, pois não chegamos equipados ou preparados.

E, o segundo motivo é que as práticas corporais, ao se constituírem no âmbito social, estão diretamente relacionadas com as forças e tensões desse contexto. Mas, ao constituírem uma prática pedagógica, necessita de procedimentos específicos para acontecer no tempo e espaço escolar. Pela pesquisa percebemos que a qualificação da educação física escolar, sua contextualização, capacidade de criar atenção e abertura ao mundo, é impossibilitada, diminuída em uma organização escolar que, cheia das ideias neoliberais (verdade incondicional, absoluta) prende o olhar, as ideias, os gestos pedagógicos para o ambiente e as condições em que apenas se reproduz a vida biológica. Não à toa, quanto mais é organizada pelas ciências humanas e sociais, menos recebe apoio pedagógico, como na Educação de Jovens e Adultos, aonde é facultativa, com argumentos que mantêm sua base nas ciências médicas e biológicas. E mais, é desqualificada em suas funções escolares, por sua associação com a instituição esportiva, quando é organizada para atletas e não para alunos. Seleccionadora, portanto, de talentos.

Por mais que tenhamos argumentos de que a educação física busca o desenvolvimento humano e não o motor (pois esse traz visão fragmentada e a-histórica de corpo); de que o corpo e as práticas corporais são constituídos nos diversos tempos e espaços sociais (e, por isso requerem aprendizagem, cuidado e atenção); reconhecemos que ainda se faz necessário tornar claro de qual conhecimento trata. As conclusões para isso são inúmeras, por isso, na pesquisa realizada, correlacionamos a imprescindível identificação e explicitação das particularidades dessa prática pedagógica com a urgência de, ao mesmo tempo, especificar o escolar.

Ao abordar a materialidade da educação física, pela *cultura corporal*, as experiências vêm destacando que há duas predominâncias: a presença exclusiva da quadra, com marcações e materiais de quatro práticas corporais, em sua forma esportivizada (voleibol, basquetebol, handebol e futebol) e; a ausência de espaço específico, cabendo ao professor/a improvisar – o que muitas vezes acontece no pátio

da entrada, no espaço do recreio ou fora da escola (praças, jardins). Esse quadro acarreta dois movimentos hegemônicos: um no qual a forma esportivizada expressa que esse trabalho no escolar está marcado por preocupações pouco escolares. E, o outro movimento é a administração dos conflitos gerados pela tensão entre as condições adversas para a realização de qualquer prática corporal e, o desejo de grande parte dos alunos em realizá-la – nos fazendo identificar que as relações ganham destaque em um momento de aprendizagem.

Sobre as ferramentas, como qualquer prática escolar, requer caneta, livros, giz, lápis, caderno etc., pois toda prática corporal é passível de estudos através da leitura e da escrita. Ao mesmo tempo, a forma de estudos de uma prática pedagógica que tem as práticas corporais como objeto de estudos, requer outras ferramentas (bolas de diferentes pesos e dimensões, tatames, materiais sonoros, cordas e etc.). Cada conteúdo dos grandes blocos anunciados pelo Coletivo de Autores (2014) - lutas, danças, jogos, atividades rítmicas e expressivas, ginásticas, esportes, atividades aquáticas - pode ser decomposto, com as formas e gestos singulares e, ao mesmo tempo, com sua compreensão histórica, filosófica, geográfica, política evidenciada. Já em relação aos métodos, talvez esse ponto seja o mais delicado, pois há diversas tensões no desenvolvimento da prática pedagógica educação física (*aptidão física? cultura corporal?*) e; na sua relação com o conjunto da escola e, como esse coletivo identifica suas funções, os ensaios, os conjuntos de problemas, os exames, as avaliações em geral. Em nome de quê? Para quê?

A compreensão de corpo e das práticas corporais, pela perspectiva da *cultura corporal*, possibilita ser um fio condutor de ações que se entrelaçam: por desnaturalizar os objetos de estudos dessa prática pedagógica; pela sistematização que auxilia a caracterizar e a qualificar sua inserção no e com o escolar; por converter elementos sociais em escolares para colaborar como trabalho de apresentação e ampliação do mundo. O que significa que finalizamos essa pesquisa com mais elementos, mais disposição para refutar lógicas que colocam a escola como frágil; que expõem as incapacidades de seus professores; que não reconhecem os diferentes conhecimentos e; quando desconsideram a presença, plena, dos alunos-diante de nós e da matéria estudada.

CHARACTERIZING PHYSICAL EDUCATION AND ORGANIZING THE SCHOOL BY THE BODY CULTURE

Identifying physical education as a pedagogical practice that is characterized by the school, in the period of post-doctoral we questioned the interests that prevent this. In order to qualify this teaching, we dialogued with Arendt, Masschelein, Ranciére, Simons and the Collective of Authors. Our arguments emphasize the physical education that is done in the school by the corporal culture, in movement that requires to look at the whole of the teaching work and the school as a public good.

KEYWORDS: *School physical education; Corporal Culture; School.*

LA CARACTERIZACIÓN DE LA EDUCACIÓN FÍSICA Y LA ORGANIZACIÓN DE LA ESCUELA POR LA CULTURA DEL CUERPO

Mediante la identificación de la educación física como una práctica pedagógica que se caracteriza por la escuela, en la investigación del período post-doctoral cuestionamos los intereses que impiden. Para calificar esa enseñanza, dialogamos con Arendt, Masschelein, Ranciére, Simons y el Grupo de Autores. Nuestros argumentos subrayan la educación física que se realiza en la escuela

por la cultura del cuerpo. Movimiento que requiere mirar todo el trabajo docente y la escuela como un bien público.

PALABRAS CLAVES: Educación física en la escuela; Cultura del cuerpo; Escuela.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. La crisis en la educación In _____ **Entre el pasado y el futuro**- ocho ejercicios sobre la reflexión política. Espanha, Barcelona: Península, 1996, p. 185 - 208.

CARVALHO, Rosa Malena. **Corporeidade e Cotidianidadena Formação de Professores**. Niterói: UFF (EdUFF)/FAPERJ, 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola** - uma questão pública. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

RANCIÈRE, Jacques **A partilha do sensível**: estética e política. 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.